

Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 281

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1,200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1,300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2,500. Semestre, 1,500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

O CHRISTIANISMO E JESUS

Celebra hoje a Igreja o nascimento de Jesus. E mais uma vez vamos ouvir a repetição sentimental, piegas, idiota, de todas as lendas que revestem esse acontecimento. Todas as gazetas, reaccionarias ou liberais, vão aproveitar a occasião para engendrar phrases, rebuscar palavras, architectar periodos, n'aquella exclusiva preocupação d'estylo que caracteriza todos os povos inferiores, ou, antes, todos os povos sem cultura e sem idéas. As proprias gazetas republicanas nos dirão, na sua maioria, que Christo foi o primeiro republicano, apregoando as virtudes da religião primitiva e as do mansissimo Jesus. E n'essas lendas e mentiras se vão passando os seculos, sem que a humanidade consiga attingir a sua perfeição, ou attingendo-a com uma morosidade lamentavel, á custa de esforços, de trabalhos, de sacrificios, de martyrios, que em grande parte se poderiam ter evitado.

Quantas dôres não custa a vida! Que horroroso martyrologio não representa a civilização! E lembrarmos de que com menos egoismo, a menos covardia, um bocadinho mais de abnegação, se teria facilitado enormemente o triumpho da verdade e da justiça!

Porque se a ignorancia tem influido notavelmente sobre a marcha da humanidade, retardando-a, maior tem sido a influencia da covardia e do egoismo d'aquelles que exercendo uma parcella de auctoridade e direcção se negam a ceder uma migalha da sua meza, ou do seu superfluo, em favor dos necessitados, dos famintos. D'aquelles que se não atrevem a combater a mentira, a arcar com o preconceito, estando d'elles convencidos muitas vezes, para não correrem o perigo de adquirir malquerenças, de desagradar, de deixar de vender o periodico a meia duzia de crapulosos que se poderiam indignar com a affirmação altiva da verdade. D'aquelles que falando em Deus a toda a hora, que dizendo-se religiosos, que enchendo a bocca com palavras de caridade, de paz, mansidão, amor, mantem intransigentemente o despotismo, a hypocrisia, a iniquidade, olhando indifferentes as grandes misérias sociaes, defendendo a sujeição do homem ao homem, affirmando a necessidade d'essa sujeição, proclamando que a religião é indispensavel como um freio para o povo, isto é, como o meio de o manter na sua inferioridade horrenda, na sua odiosa escravidão. Os miseraveis, que recebem de comer gallinha no dia em que o povo deixar de comer sardinha, de andar de carruagem no dia em que o povo poder deixar de andar a pé, de offuscar com as suas toilettes, com os seus perfumes, no dia em que os homens e as mulheres do povo se enfeitarem com as mesmas toilettes e usarem os mesmos perfumes, de perderem, emfim, os seus gozos materiaes e moraes, os requintes do seu estado social, no dia em que os humildes, os pobres, os ignorantes, os desgraçados se elevarem até elles.

E são esses os representantes de Deus! Os defensores do Divino!

Os eleitos e queridos do Senhor! Os destinados a receber no outro mundo a Bemaventurança!

Maus e estupidos. Não pensam um instante como as condições sociaes ficariam para elles melhoradas, se em vez do meio restricto de perfeição intellectual e physico em que vivem, esse meio se estendesse a uns milhões, mais, de creaturas. Não pensam um instante que os recursos da natureza augmentam sempre com a marcha da sciencia, da liberdade, da civilização, e que não ha perigo nenhum de cahirem todos na miseria quando todos sahirem da miseria, porque a intelligencia que esse estado superior ha de representar dará ao homem novos, extraordinarios, poderosissimos elementos de vida. O que nos prejudica é exactamente a nossa ignorancia, o nosso atraso, a nossa preguiça, o estado de abjecção do maior numero, por isso que não sabemos aproveitar os grandes recursos da natureza, thesouros occultos por emquanto.

Estupidos e maus.

Mas bem. Continuemos nós o nosso obscuro trabalho de propaganda, esclarecendo, instruindo, affirmando a verdade, até onde as nossas poucas forças o permittam.

Quem foi Jesus?

Foi um ente divino, ou foi um simples mortal? Foi um homem normal, ou foi um doido? A sua obra foi realmente uma obra de redempção humana, como se pretende?

A algumas d'estas perguntas não é facil responder. E não é facil responder porque de Jesus sabemos pouco, nem ha onde o estudar. O allemão Strauss conclue a sua notavel *Vida de Jesus* affirmando as lacunas e as incertezas, que aliás vem affirmando desde o principio da obra, das informações historicas sobre o Nazareno. «Não o querem ouvir e não o querem acreditar. Mas quem se occupou a sério com o assumpto e quer ser sincero, sabe, tão bem como nós, que ha poucos homens na historia tão mal conhecidos como Jesus. Quanto mais clara e mais distincta não nos apparece a figura de Socrates, apesar de ter mais 14 seculos que a de Jesus!»

A fonte principal de informações sobre Jesus está nos Evangelhos. Strauss leva paginas e paginas a demonstrar quanto ha de contradictorio, de lendario, de falso n'esses Evangelhos. Ernesto Renan faz a mesma demonstração na sua *Vie de Jésus*.

Peyrat escreve:

«Os christãos dos primeiros dias não pensaram em escrever. Confundidos ao principio com os judeus, o seu estado nada offerecia de distincto nem de importante para ser recolhido. Mais tarde, absorvidos pelos cuidados do apostolado, sofrendo ou fugindo á perseguição, não tiveram a idéa de compôr livros, nem vagar para isso, entendendo que o christianismo devia defender-se e estabelecer-se pela *innocencia da vida e a honestidade dos costumes mais que pelo artificial das palavras*.» (A. Peyrat—*Histoire Élémentaire et Critique de Jésus*.)

Foi mais tarde que se apoderou dos feis a furia de escrever. Mas, então, todas as mentiras, especulações, falsificações, lendas e milagres lhes servem, e de tudo elles se aproveitam.

Jesus existiu, no emtanto, por-

que a propria existencia de Jesus chegou a ser contestada, ou posta em duvida, pelo menos, por alguns escriptores audaciosos. Mas sobre isto não existem hoje duvidas nemhumas. Jesus existiu. O que não teve foi caracter divino. Sobre isto tambem ninguém tem duvidas. Os homens que pensam, é claro.

Nasceu em Nazareth, de origem popular, filho de José e de Maria, *peçoas de mediocre condição, artistas que viviam do seu trabalho*. (1) «Ha todos os motivos para crer que o pae de Jesus era carpinteiro, isto é que Jesus nasceu na classe inferior da sociedade.» (2)

Tinha irmãos e irmãs, de que parece ter sido elle o primogenito. Todos, diz Renan, ficaram obscuros. Os quatro personagens que appareceram mais tarde dando-se como seus irmãos, e dos quaes um, Thiago, chegou a ter grande importancia nos primeiros annos do desenvolvimento do christianismo, parece que eram seus primos co-irmãos. Na verdade Maria tinha uma outra irmã, chamada tambem Maria, que foi mãe de muitos filhos. Estes é que adheriram a Jesus. Seus irmãos e sua mãe, de que só se falou depois da sua morte, fizeram-lhe sempre grande opposição. Chegaram mesmo a te-lo na conta de doido. (3) «Quando Jesus começa a sua pregação, é desconhecido em Jerusalem e absolutamente desconhecido na Nazareth. Seus irmãos não acreditam n'elle e os seus patricios, no meio dos quaes vivem, não veem n'elle senão um dos seus, um simples operario, o filho de José o carpinteiro.» (Peyrat, obra citada pags. 133.)

Ninguém é propheta na sua terra!

Jesus correspondia aos parentes na mesma moeda. Vinson (*Les Religions Actuelles*, pags. 367—Paris 1888) accusa-o de ser duro e ingrato com a familia. «Jesus foi muito ingrato e muito duro com a familia; basta recordar as palavras crueis que lhe são attribuidas pelos seus historiadores (Lucas, II, 49; Matheus, XII, 48; Marcos III, 33; João II, 4). Não lhe devemos imputar isso, todavia, como um crime, pois que os Orientaes não teem verdadeiramente o que nós chamamos *sentimento de familia*: temem mais o pae do que o respeitam, e quanto á mãe é sempre uma mulher, isto é, um ser inferior.»

Todas as grandes auctoridades estão d'accordo em reconhecer que Jesus não teve sentimento de familia. Renan expressa-se a esse respeito (pags. 44-45) n'estes termos:

«Cêdo o seu caracter se revelou. A lenda apaz-se em mostra-lo rebelde e desobediente á auctoridade paterna, para seguir, desde pequeno, a sua vocação. (Lucas II, 42 e seguintes) E' incontestavel que as relações de familia, pelo menos, foram de pouco valor para elle. Jesus, como todos os homens exclusivamente preoccupados com uma idéa, chegava a desprezar os laços de sangue. O laço da idéa é o unico que essas especies de naturezas reconhecem. «Eis minha mãe e meus irmãos, dizia elle estendendo a mão para os seus discipulos; aquelle que fizer a vontade de meu Pae (o pae do céo) esse será meu irmão e mi-

(1) Ernest Renan—*Vie de Jésus*, pags. 25. Paris, 1900.

(2) D. F. Strauss—*Nouvelle Vie de Jésus*, traduite de l'allemand por A. Neffzerech. Dollfus, pags. 252, tome I. Paris, deuxième édition.

(3) Strauss, obra citada, pags. 253.

nhá irmã. Os simples não o entendiam assim, e um dia uma mulher, passando junto d'elle, exclamou: «Feliz o ventre que te trouxe e os seios que te alimentaram!» Ao que elle respondeu: «Feliz, antes, aquelle que escuta a palavra de Deus e que a põe em pratica!» Bem depressa, na sua atrevida revolta contra a natureza, iria mais longe ainda, e vê-lo-hemos calcando aos pés tudo quanto é humano, o sangue, o amor da patria, guardando a alma e o coração sómente para a idéa que se lhe apresentava como a fórmula absoluta do bem e da verdade.»

Por serem audaciosas e extranhas as suas affirmações é que a familia chegou a admittir que elle tivesse perdido o juizo, e n'isso se funda Jules Soury para o considerar atacado d'uma especie particular de loucura no seu livro interessante *Jesus et les Évangiles*—Paris—1878.

Ernesto Havet, na sua obra magistral *Le Christianisme et Ses Origines*, Paris—1884 não vae tão longe. No emtanto diz, pags. 43, tomo quarto:

«Tudo o que não é de Deus não é nada para elle. Só as coisas divinas lhe tocam o coração. Dizem-lhe: «Eis aqui tua mãe e teus irmãos», e elle responde: «Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?» E passeando o olhar sobre os que n'esse instante se agrupavam em volta de si, diz-lhes: «Sois vós a minha mãe, sois vós os meus irmãos.»

Quanto mais d'estes traços apparecem no evangelho, mais o Jesus do evangelho pareceu divino nos tempos de fé. Hoje, um tal estado de espirito inquieto. A critica moderna vê n'estes inspirados ou illuminados doentes, nos quaes a intelligencia é sobreexcitada até chegar a ser perturbada.»

Jesus é tambem *arruaceiro*, no dizer de Vinson, (pags. 368.) Joga a bordoada com os garotos e foge por fim da casa paterna.

Apprendeu ao menos a ler e a escrever? Frequentou a escola? Renan diz que sim. Vinson, cujo livro é muito posterior ao de Renan, diz que não.

Para Renan elle não era (pags. 33) *o que se chama um ignorante*. Não admittie a probabilidade (pags. 34) d'elle saber o grego. Por conseguinte, não era culto. Toda a cultura d'esse tempo provinha da Grecia. Mas não era um ignorante. Vinson (pags. 368) não acha provavel que elle houvesse frequentado a escola e não crê que elle soubesse ler e escrever.

Emfim, nós não temos a pretensão de seguir agora Jesus em toda a evolução da sua vida. Acompanhamo-lo até elle abandonar a casa paterna. Veremos o que se seguiu quando o encontrarmos no dia da sua morte. Dedicar-lhe-hemos n'esse dia outro artigo especial.

Mas vejamos desde já, porque o assumpto é vasto, e não poderemos dizer tudo em domingo de paschoa, qual foi o valor da sua obra.

Continuemos a recorrer ás auctoridades. Letourneau escreve, (*L'Évolution Religieuse*, pags. 544, 554, 555, 556, 557—Paris—1898.)

«Nada de menos original que o Christianismo. E' feito de retalhos

e farrapos. A religião da cruz nem mesmo inventou o seu symbolo. (1) Vimos que os tuaregues usam e abusam d'esse signo, que já era venerado no Egypto, na Assyria, na India, na Scythia, etc, como emblema do sol; todos os dogmas christãos são de emprestimo. O deus trino e uno, de que certamente Jesus nunca teve a idéa, é calcado sobre as triades egypcias e as trindades indianas. A crença na parthenogenese mythologica, na incarnação sem união sexual, é comum a numerosas religiões, mesmo ás religiões de povos muito selvagens; o christianismo facilmente a poderia pedir emprestada á mythologia da India. A idéa de redemptores emanando d'um deus, ou do espirito universal, para vir, sob forma humana, reformar o mundo, é o dogma fundamental da religião budhica, e acabamos de o encontrar no mazdeismo. O systema de uma retribuição depois da morte, d'um paraíso e do inferno, pertence a todas as religiões de povos sahidos da selvageria. O ascetismo encontra-se nas proprias religiões inferiores e desenvolveu-se nas grandes religiões da India n'um grau tão excessivo que nunca o christianismo o chegou a egualar. Na moral de humildade e de renuncia, o budhismo foi muito mais longe do que a religião de Christo; por outro lado estendeu a caridade humanitaria ao proprio mundo animal. Emfim está demonstrado, com provas superabundantes, (2) que os philosophos e os escriptores da antiguidade greco-romana não tinham esperada o nascimento e a diffusão do christianismo para exprimir os largos sentimentos de egualdade, de fraternidade, etc, de que, uma vez liberta do judaismo, a religião de Christo fez o seu apanagio. Sabe-se, além d'isso, que o christianismo não teve, no principio, nenhum espirito de universalidade, de catholicidade. Sem os christãos gregos, a nova religião, fechada na Judéa, ter-se-hia, sem duvida, extinguido no seu berço.....

Ao lado d'alguns preceitos elevados, quantos outros nitidamente anti-sociaes. Em primeiro logar o amor de Deus é proclamado a obrigação por excellencia; o amor de proximo vem em segundo logar. A moral religiosa prefere á moral laica e utilitaria. D'esse desprezo da realidade nasceu mesmo a glorificação da abstinencia sexual. Contrariamente ao preceito biblico «Crescei e multiplicaes-vos.» Jesus não se casou; mais: impoz o celibato aos seus discipulos e exaltou o merito da continencia absoluta. O esforço feito pelo christianismo para evitar a acção da carne, no proprio casamento, foi, seguramente, mais prejudicial á humanidade que a guerra e a peste.

A glorificação da passividade, da humildade atravez de tudo, da ociosidade, faz tambem do christianismo uma religião incompetivel com o esplendor de qualquer sociedade.

Mas o grande mal do christia-

(1) A este respeito póde-se ler os iruditos, que ainda não o conhecem, um livro de muito valor: *Le Signe de La Croix avant le Christianisme*, par Gabriel de Mortillet, Paris, 1866—Reinwald, éditeur.

(2) E' muito instructiva n'esto ponto a obra de Ernesto Havet, já referida. Póde-se ler tambem com grande proveito a obra magistral de Yve Guyot; *Études sur les doctrines sociales du Christianisme*—Paris—1881—e a d. M. Guyau: *Education et Hérité*—Paris—1895.

Cartas d'Algueres

23 DE DEZEMBRO.

nismo, aquelle que nunca se lhe pôde perdoar, é a sua selvagem intolerancia. O jugo sanguinolento, que a religião de Jesus tem feito pesar sobre a elite da humanidade, sem ser directamente prescripto no Evangelho, lá existe, comtudo, em germen, nos versiculos em que o messias christão proclama que veio dividir e não unir, separar o filho do pae, a filha de sua mãe, trazer, não a paz, mas a espada. Postos uma vez esses preceitos, os fanáticos se encarregaram de lhes tirar as consequencias praticas. Desde que deixou de ser perseguido, o Christianismo tornou-se violentamente perseguidor. Theodosio prohibiu os cultos dissidentes, e toda a idéa nova foi desde então considerada como inimiga. O espirito do frade Cyrillo, lançando-se a Hypathia com a populaça e Alexandria, ficou sendo, desde a origem, o espirito da Igreja. Durante um milhar de annos pensar foi um crime, e a Inquisição não fez mais que marcar o termo do furor clerical. Em nome d'uma religião chamada de paz e amor aprisionou-se, torturou-se, queimou-se. Só no reinado de Carlos V cem mil hereticos, segundo Grotius, foram exterminados, pela mão do carrasco, nos Paizes Baixos. Llorente, n'um calculo muito moderado, avalia em 341.021 o numero dos desgraçados rigorosamente penitenciados ou queimados pela Santa Inquisição, na Hespanha continental apenas. O mesmo escriptor calcula que quinhentas mil familias foram por essa fórma destruidas.

Mas as consequencias d'esses horrores vão muito além das ruinas semeadas e das existencias ceifadas; pesam ainda sobre nós. Descendentes, tardiamente emancipados, d'uma raça que desaprendeu de pensar livremente, contrahimos a curva hereditaria da servidão intellectual e instinctivamente nos dobramos ainda sob um jugo desgraçado. A intelligencia europeia dos dias actuaes está paralyzada por uma covardia ancestral e a opinião publica é fundamentalmente rebelde a toda a idéa nova.»

Assim é. Assim é.

Ahi ficam as opiniões dos mais celebres pensadores sobre o christianismo e Jesus. Outras faltam ainda. Muito mais haveria a dizer sobre tal assumpto. Mas é impossível fazê-lo hoje. Já este artigo é demasiadamente extenso.

Aguardaremos a oportunidade da continuação. Será em domingo de Paschoa. E, se virmos que não basta, será também em domingo de Ramos.

Bella occasião essa para dizermos tudo.

Entrementes irão os idiotas de todos os partidos, vasos de idéas embora cheios de pretenções, enaltecendo as lendas, engrandecendo as mentiras, cantando os mysterios, na phrase delambida que tanto caracteriza os nossos *homens de letras*. N'aquella covardia ancestral, perdido o habito de pensar livremente, n'aquella curva hereditaria de servidão intellectual, a que Letourneau tão apropriadamente se refere.

Minas no Transwaal

No Transwaal ha 247 minas com um capital effectivo de libras esterlinas 81.241.775 e um capital no minal de 89.866.010 libras.

D'estas minas, 933 são de ouro, 17 de carvão e 6 de diamantes, todas exploradas por Companhias.

Das Companhias das minas de ouro, 25 pagam dividendos na totalidade de 2.855.626 libras, ou 24,13 p. c. do seu capital effectivo; 31, apesar das suas minas já produzirem, não pagam dividendo; 38 estão desenvolvendo os trabalhos de exploração e 130 ainda não trabalham.

No mez de outubro o rendimento das minas foi de 325.625 onças de ouro fino no valor de 1.383.167 libras esterlinas.

Houve um augmento comparado com a producção de setembro, de 13.339 onças.

Escreve-me um velho e preza-do amigo admirando-se de eu ter dicto que enquanto na mulher existia o sentimento religioso *ainda existia alguma coisa*. Sim, sim, meu caro amigo. *Ainda existia alguma coisa*.

Pois não percebe?

Toda a doutrina religiosa assenta na *necessidade d'um tyranno*. Um tyranno que tudo pôde. Um tyranno, por consequencia, cujas boas graças é indispensavel conquistar. Um tyranno que tudo quanto faz é bem feito. Um tyranno ao qual devemos implorar, ao qual nos devemos curvar, deante do qual, obediente, resignado, contricto, devemos rastejar. Um tyranno ao qual devemos agradecer o bem e o mal, porque quando faz mal faz bem, ou porque poderia fazer ainda peor.

E' Deus, é rei, é marido? E' Deus, rei e marido. São delegações que veem de grau em grau, desde a côrte do céu.

O casamento é uma instituição divina. O marido representa uma parcella da auctoridade de Deus. Deus ordena que a mulher obedeça ao marido, como ordena que mulher e marido obedeçam ao padre e ao rei.

O marido é mau? A mulher não se revolta. *Resigna-te*, era a palavra de Deus. Sofre com paciencia. E' o teu dever. E será a tua salvação. *Bemaventurados os que soffrem porque d'elles será o reino do céu*.

Compreende-se toda a força do sentimento religioso n'estes casos.

Mas esse sentimento perdeu-se. Sim, caro amigo, perdeu-se no homem e perdeu-se na mulher. O scepticismo revolucionario tudo invadiu, tudo attingiu. Attingiu as almas mais simples, os cerebros menos intelligentes e cultos. Foi das capitães ás cidades de provincia, e das cidades de provincia ás profundezas das aldeias. O padre é um homem que baptisa, casa e enterra. O aldeão dá-lhe o filho a baptisar, o aldeão recebe-lhe a benção quando se casa, mas não o venera e nem sequer o respeita. Não vê n'elle nenhum carater divino. Ao contrario, sente-o falso, sente-o hypocrita, sente-o farçante. Nutre contra elle um fundo permanente de ironia, de azedume, de hostilidade. E tudo isso, consciente ou inconscientemente, se reflecte em Deus.

Isto é assim, meu velho amigo. O rustico vae á Igreja e accieita a Igreja por habito, por tradição, por hereditariedade. *Por que todo o mundo faz o mesmo que elle faz*. Crença profunda não a tem, em Deus, nem em coisa nenhuma. Perguntae-lhe para onde elle vae depois de morto. Encolhe os hombros, *como todo o mundo*. Se o habito d'ir á Igreja é geral, a descrença, ou pelo menos a duvida, é geral também. Excepção feita da clericalha e da gente *do bom tom*. Esses descreem, ou duvidam, talvez mais do que os outros. Mas subordinam-se á convenção e á hypocrisia que os obriga a dizer que não descreem, nem duvidam.

Eis o estado d'alma das gera-

ções modernas. Em todo o mundo, e não só em Portugal. Mas aqui mais, porque é maior a incultura.

Estado grave, repetimos, por isso mesmo que não ha *crença nenhuma*. Foi excellente deitar abaixo a tyrannia, o preconceito, a estupidez. Mas era preciso ir substituindo desde logo o sentimento morto pelo sentimento novo. Na indisciplina mental, na indisciplina moral, não podemos permanecer por muito tempo, ou somos subvertidos pela anarchia que creámos.

As escolas revolucionarias não vêem, com nitidez, esta verdade.

A mulher participou d'esse terrível scepticismo, d'essa descrença, d'essa duvida perigosa. Já não tem medo das penas do inferno, já não espera ganhar, com o seu sacrificio, as glorias do céu. O marido já não é para ella uma especie de delegado de Deus. Já não vê na auctoridade marital uma parcella da auctoridade divina. O sopro da Revolução passou por ella accordando-lhe a intelligencia, agitando-lhe a alma. Porque a Revolução, que abalou o velho mundo, a Revolução dos *direitos do homem*, não podia esquecer os *direitos da mulher*. E não esqueceu. Com a differença de que os principios sagrados, que a voz poderosa, a voz eminente de Condorcet proclamou, ficaram até hoje esquecidos, ou incompreendidos, como todos, ou quasi todos os *immortaes principios* d'essa grande Revolução, cem vezes mais bella, como se dizia no ultimo artigo editorial do *Povo de Aveiro*, cem vezes mais genial e redemptora que a obra decantada de Jesus, mais uma vez decantada, mais uma vez apregoada, pelos proprios democratas, á hora d'estas linhas verem a publicidade.

Ficaram esquecidos, esses *immortaes principios*. Ficaram incompreendidos. Os que se dizem actualmente revolucionarios só lhe aprenderam a parte mais facil, que é a parte negativa. E essa mesma por entre incertezas, pusillanidades, incongruencias lamentaveis.

A Revolução destruiu no coração da mulher o sentimento velho, mas procurou substitui-lo, *imediatamente*, pelo sentimento novo. Arrancou-lhe de lá as crenças no mysterio, mas tentando, desde logo, em seu lugar, incutir-lhe as crenças na verdade. Matou-lhe o amor da divindade, mas creou-lhe, ou quiz crear-lhe, o amor da humanidade. Apregou os *direitos da mulher*, mas tratou, sem demora, de lhe ensinar esses direitos.

Eis a obra que é preciso retomar, que é preciso continuar. Nós não podemos deixar permanecer a mulher na sua escravidão. Por mais que ao espirito auctoritario do homem, ao seu orgulho, ao seu egoismo, repugne a emancipação da mulher, essa emancipação será um facto, imposto pela acção fatal do tempo, pelas leis inilludiveis da justiça. Não podemos, nem devemos. Ou seremos estupidos. Por esse egoismo bestial, por esse auctoritarismo pouco intelligente, pelo ridiculo desdem com que temos olhado a mulher, demais perdemos já o fructo precioso da sua cooperação, que deveria ser

admiravel, na solução dos grandes problemas da humanidade. Não podemos, não devemos. E' iniquo. E é estúpido. Mas se não podemos, nem devemos, deixa-la permanecer na sua escravidão, também a não podemos, nem devemos, entontecer com propagandas dissolventes, de mera indisciplina, de mera rebellião, de simples anarchia, dando-lhe direitos que ella não percebe, impondo-lhe principios que ainda não amou, ou deixando-a aferrada a outros que ella já não ama. De qualquer fórma a convertemos n'um elemento de perturbação, quando a sociedade requer que ella seja um elemento de orientação.

Demos-lhe o sentimento da nova humanidade, que se vem formando desde a Revolução. O sentimento da solidariedade, sem o qual não ha nenhum sentimento elevado. Não a deixemos permanecer no vacuo, na aridez, no isolamento que lhe creou o conflicto das idéas. Não admittamos que entre nós e ella se interponha nenhum elemento extranho, que perturbe o nosso accordo intimo, accordo indispensavel para o advento da grande civilização que se prepara. Ou esse elemento extranho seja o padre, ou seja o demagogo desordenado, imbecil. Não a queiramos futil, inferior, uma femea, um ente com quem não podemos conversar. Queiramo-la á nossa altura, a nossa companheira, a verdadeira metade da humanidade.

Essa deve ser a nossa obra. Obra urgente, inadiavel.

A emancipação da mulher não ha de ser obra da mesma mulher. Se o fôr, temos estabelecida uma anarchia formidavel. E para ella vamos caminhando! Ha de ser obra do homem, obra de concordia, obra de amor, obra de grande cuidado e previdencia. Ou seremos, com toda a nossa vaidade sem limites, d'uma estupidez mirabolante.

Já lá vae a epocha em que podiamos olhar com desprezo a mulher. Em que a podiamos deixar a rezar as contas, sem perigo de maior. Já lá vae. Agora, ou a agarramos a tempo, para a encaminhar no mundo novo, ou estabelecemos na familia, e na sociedade, o mais perigoso elemento de desordem.

E nada mais facil que educala. Basta ama-la! Porque até aqui, diga-se o que se disser, só a temos desprezado. E é despreza-la, ainda, transigir com esse preconceito, com essa mentira, com essa hypocrisia a que nós chamamos *sentimento religioso*. Sentimento, repetimos, que ella não possui. Outros tempos, outros ideaes.

Accordemos d'essa inconsciencia.

Não tenhamos a inferioridade de suppôr que no dia em que as mulheres forem *philosophas* terão perdido a sua elegancia, as suas graças, as suas virtudes. Nem a distincção do seu trajar será menor, nem os seus cuidados de familia haverão diminuido.

Ainda não houve tentativa de progresso que não levantasse contra si a prophacia que, realizado elle, acabaria o mundo. E nunca houve progresso realizado que não deixasse o mundo melhor do que elle estava.

No dia em que a mulher poder pensar terão simplesmente crescido os seus encantos e a sua utilidade.

Nunca deixará de *ser mulher*. Simplesmente será uma mulher mais perfeita do que hoje.

Ora, francamente, triste idéa de si dá o *rei da criação*, a imaginar que um ser instruido, educado, melhorado, será *mais imperfeito* pelo facto de *ser perfeito*.

Ainda havemos de chegar a concluir, sem grande custo, e a sério, que a primeira de todas as bestas é o homem.

A. B.

A hygiene publica

Temos em nosso poder um artigo com o titulo que nós serve de epigraphe, mas não o publicamos hoje por absoluta falta de espaço. Não perde pela demora.

"Democracia do Sul,"

Este collega republicano, de Montemor-o-Novo, publica no seu ultimo numero, de sabbado 17 de dezembro, um artigo intitulado *O Padre*. Assigna esse artigo um tal Angelo da Fonseca.

Ora esse artigo é transcripto do *Povo de Aveiro* de 14 de Agosto de 1904. Sem alteração d'uma virgula!

Foi primeiramente publicado no *Supplemento ao n.º 345 de O Povo de Aveiro*, de 18 de setembro de 1888, durante a celebre questão das *irmãs da caridade*. Completamente refundido pelo seu auctor, foi novamente publicado no numero extraordinario que dedicámos a José Estevão, em 14 de agosto de 1904. Pois o *cidadão* Angelo da Fonseca estampa-o como seu na *Democracia do Sul* de 17 de dezembro de 1904!

Sem alteração d'uma virgula. E' tal e qual!

Como unica *vingança* pedimos á *Democracia do Sul* o favor de nos dizer quem é esse idiota.

Quem é?

No partido republicano só conhecemos como Angelo da Fonseca o illustre lente de medicina na Universidade de Coimbra, talento dos mais indiscutíveis e caracter dos mais aprimorados.

Quem é o imbecil que usa o mesmo nome para praticar gentilezas como a que fica referida?

Como este partido republicano, louvado seja Deus, dá guarida a tudo quanto lhe bate á porta!

A tudo é um modo de falar. Aos homens de verdadeiro talento, de verdadeiro merito, abocanha-os e morde-os sem descanço. Mas aos imbecis e aos tratantes é abraços e beijos sem descanço.

Defeito, afinal, de todas as casas de porta aberta.

São todas assim.

Fallecimento

Victimada pela tuberculose, que ha muito lhe vinha minando a existencia, falleceu em Arada a sr.^a Maria dos Anjos Pereira, irmã da sr.^a D. Joanna Alexandrina Pereira (Valdemouro).

A toda a familia dorida as nossas condolencias por tão triste deslance.

Aggressão á facada

Um tal Fortunato, da beira-mar, depois d'uma altercação n'uma taberna com um seu cunhado, vi'rou n'este uma navalhada no baixo ventre que lhe sahiu os intestinos, produzido pela picadela da navalha, sendo o estado do ferido bastante melindroso.

Resultado: um na cadeia e outro no hospital.

BILHAR

VENDE-SE um ainda em muito bom uso com todos os seus accessorios. Quem pretender dirija-se a Joaquim Ferreira Felix, Aveiro.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

19 de dezembro.—O jornal *Patriote Français*, em artigo não assignado, que se supõe ser de Brissot, põe na ordem do dia a *questão republicana*, 1790.

Muita gente supõe que a solução republicana datava em França do tempo dos encyclopedistas, ou de 1789, pelo menos. Estão em erro. Nem Montesquieu, nem Voltaire, nem d'Argenson, nem Diderot, nem d'Holbach, nem Helvetius, nem Jean-Jacques Rousseau, nem Mably, nem Robespierre, nem Saint-Just, nem Vergniaud, nem Danton, nem Brissot, nem Collot d'Herbois, nem Marat, admittiram a solução republicana antes de 1791, embora de vez em quando clamassem contra os reis. O unico republicano era Camillo Desmoulins e esse mesmo compoz uma ode em 1789 em honra de Luiz XVI. Quer dizer, escreve Aulard, o grande escriptor da Revolução, o proprio Desmoulins adia então o seu *sonho republicano*. Por pouco tempo o adiou, é certo. Logo se desilludiu, como elle confessa na sua *France libre*, escripta e posta á venda n'esse mesmo anno de 1789. Contudo, o republicanismo de Camillo Desmoulins ficou sem echo. Todos os outros homens publicos procuravam ainda a solução na monarchia constitucional.

Em setembro de 1790, um homem de letras chamado Lavicomterie publicou um pamphleto intitulado: *Du peuple et des rois*, e ali proclama abertamente a superioridade da forma republicana sobre a forma monarchica. O jornal *Le Mercure national* adheriu ás conclusões d'esse pamphleto, em 1 d'outubro de 1790.

O mais importante redactor d'este periodico era uma mulher, Madame Robert, auctora de romances, de livros de historia e traductora. A essa mulher pertence a honra de haver fundado o partido republicano na França e na Europa. Foi nos seus salões que se constituiu o nucleo d'esse partido e d'elle se tornou orgão o jornal que ella dirigia. Madame Robert era casada com François Robert, ardente revolucionario, membro do *Club dos Jacobinos* e do *Club dos Franciscanos*, mais tarde representante do departamento de Paris na *Convenção*. Era um caracter franco e leal.

O *Mercure national* não se limitou a fazer o elogio do pamphleto de Lavicomterie. No numero de 2 de novembro de 1790, annunciou Robert que ia publicar uma obra que mostraria os perigos eminentes da realza e as vantagens sem numero da *instituição republicana*.

A influencia d'esse jornal, que vivamente começou a combater a monarchia, foi muito grande, e estendeu-se a toda a França. Oito centos socios do *Club dos Jacobinos*, do Jura, declararam-se desde logo republicanos.

A obra annunciada por Robert appareceu nos fins de novembro ou principios de dezembro de 1790, sob o titulo: *Le Republicanisme adapté à la France*. N'ella sustentava o auctor que era preciso estabelecer a republica por ser a unica forma de governo compativel com a liberdade e porque só ella era a democracia.

Este titulo despertou a attenção. Os jacobinos moderados vieram a campo protestar no *Journal des Clubs*. Os jacobinos avançados, os democratas, limitaram-se a pôr a questão de oportunidade. Era esta oportunidade que o *Patriote français* discutia em 19 de dezembro de 1790. Pôse-se dizer que foi n'este dia que a *solução republicana* começou a ser encarada a sério.

Aulard escreve:

N'esse mez de dezembro de 1790 ficou existindo em França um partido republicano. Não sabiu dos *faubourgs* nem dos *ateliers*. As suas origens não teem nada de populares. Essa republica, que se começa a prégar, é de origem burgueza, de origem meia aristocratica, e esses primeiros republicanos são meia duzia de *ruffins*: uma mulher de letras, um academico da nobreza, um advogado, pamphletarios aventureiros, uma *élite* tão pouco numerosa que deveria caber toda no capapé de Madame Roberts. Mas o partido existia, falava publicamente, escrevia publicamente, arvorava a sua

bandeira e o seu programma era discutido em toda a cidade de Paris.

E' auctorizada a regencia a suspender as garantias constitucionaes, 1826. A camara responde ao protesto de D. Miguel, em que declarava ter cedido dos seus direitos perante a intervenção estrangeira e renunciava aos 60 contos annuaes de dotação que lhe fora arbitrada, rasgando a *Convenção* de Evora Monte, banindo, e á sua geração, do territorio portuguez, e declarando-o rebelde e traidor, 1834.

20 de dezembro.—Muitas mulheres se apresentam á *Convenção* (1793) solicitando que ponham em liberdade os seus parentes.

E' proclamada a independencia de Buenos Ayres, sob a forma republicana, 1854.

21 de dezembro.—A cabeça de Chaliot, victima em Lyon dos reaccionarios, é levada em procissão pelas ruas de Paris, 1793.

Camillo Desmoulins é atacado violentamente no *Club dos Jacobinos*, 1793. Um impressor, chamado Nicolau, fervoroso admirador de Robespierre, que de longe, e sem o advertir, vigiava os seus dias, como um cão rafeiro,—e outros, que Robespierre tinha d'essas dedicações—chegou a pedir que Desmoulins fosse enviado á guillotina.

Ao cair da tarde, varios cidadãos e cidadãs vão queixar-se á *Convenção*, 1793, de violencias exercidas contra o culto. Na sua resposta, o presidente, Voulland, censura essas violencias e declara, em termos pouco *robepierristas*, que a *Convenção* não queria deixar reviver a religião catholica. «Mantendo a liberdade de consciencias, a *Convenção* impedirá que uma religião imperiosa e exclusiva se levante sobre as ruinas das religiões rivais; e sempre firme no seu posto, sempre inviolavelmente ligada aos principios immortaes que são a base e o apoio de todas as republicas, não deixará descer das suas alturas magestosas o genio do povo francez, que lhe confiou os seus destinos.»

E passou-se á ordem do dia.

22 de dezembro.—Combate de Torres Vedras, em que é derrotado o exercito patuleia, 1846.

O partido popular tinha pegado em armas depois do golpe d'estado de 6 de outubro. (Vide *Povo de Aveiro* de 9 e 16 de outubro do corrente anno) Era uma verdadeira revolução. O hymno da Maria da Fonte cantava-se por toda a parte, com letra francamente denunciadora, diz Oliveira Martins, do estudo dos animos.

Aprende, rainha, aprende
Mede agora o teu poder:
Tu d'um lado, o povo d'outro,
Qual dos dois ha de vencer!

Viva a Maria da Fonte
Com a espada na bainha
Para matar os Cabraes
E a... da rainha.

Em Lisboa circulavam, respondendo á da rainha, proclamações como esta:

«Povo portuguez! A revolução do Minho, a revolução mais gloriosa da nação portugueza foi trahida pela Soberana! Não a acredites! Olha que ella mente como sempre tem feito!

«Povo portuguez! Olha que a rainha, chefe do Estado, que devia ser a primeira a respeitar a opinião dos povos, com palavras de paz na bocca e veneno no coração, saiu para o meio das ruas da capital e poz-se em guerra declarada com a nação! Não contente com o sangue e ossos de que é composto o seu throno, ainda continúa a fazer mais victimas—ainda este vampiro quer mais sangue!—é a paga que este tigre dá ao povo infeliz que lhe deu um throno!

«Povo portuguez! Tu nada lucras em conservares no teu seio esta vibração—ou ella ha de respeitar os teus direitos ou então que tenha a sorte de Luiz XVI—este porem foi menos culpado!

«Povo portuguez! A's armas! Não serás fusilado ou deportado! Viva Portugal! A's armas! e seja o novo grito de guerra: Viva D. Pedro V!» (Oliveira Martins—*Portugal Contemporaneo*, tomo II, pags. 210.)

Os patetas queriam deitar abaixo um rei para proclamar outro rei. Que ingenuidade!

Aveiro foi, como sempre, das primeiras a levantar o grito da revolta. O golpe d'Estado deu-se em Lisboa a 6 de outubro. Aveiro revoltava-se em 9.

Depois de varios movimentos de tropa e escaramuças, chegaram os dois exercitos ás mãos, em Torres Vedras, sendo o da rainha commandado por Saldanha, que já tinha atraído a causa popular, e o dos patuleias pelo conde de Bomfim, que era uma besta. Perdeu todos os movimentos em que se metten. Os patuleias ficaram vencidos n'esse combate, devido unicamente á imbecillidade dos seus generaes. Alem da brigada do conde do Bomfim tinham em Santarem o exercito do conde das Antas, e em Ourem o conde de Villa Real com forças populares d'alguma importancia. Bomfim destaca do exercito do conde das Antas para cortar a retirada a Saldanha, mas é surpreendido por este e vae-se encurrallar em Torres Vedras, sem ter por onde retirar. Saldanha transpõe as pontes lançadas sobre o rio Sisandro e alli o ataca, vencendo-o e obrigando-o a uma capitulação miseravel. O conde das Antas não accudiu, ou porque não soube, ou porque não pôde, ou porque não quiz.

Não contando os mortos, entre os quaes figurava Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, militar muito illustre, perderam os patuleias 600 homens d'infanteria, 400 de caçadores, 200 de cavallaria e 200 de artilheria, que ficaram prisioneiros.

Sampaio escrevia no *Espectro*, depois do combate:

«O *Espectro* irá hoje ao Paço das Necessidades, e sob diversas formas contará verdades duras, revelará futuros casos. Não tem a presumpção de que o peccador terá emenda; mas a sua missão ficará cumprida e no dia do juizo tremendo não haverá a allegação da ignorancia.

«Entrarão primeiro os espectros das victimas de Torres Vedras e dirão:

«Morremos todos por ti que te dizes rainha.

«Eramos populares e defendemos as prerogativas da corôa contra os interesses do povo, a quem chamamos teu.

«Morrendo te aclamamos, e tu mandaste-nos assassinar! Ave Cesar morituri te salutant.

«Mas a tua victoria será ephemera. Essa alegria depressa se converterá em tristeza; é o clarão da luz quando está para extinguir-se.

«O nosso sangue cairá sobre ti e sobre a tua descendencia.

«Por via de ti, para te collocar no throno, hypothecamos á praça de Londres este paiz que é nosso, vendemos as nossas joias, as nossas alfaias, ficamos pobres; arrastados; viciamos alegres na esperança de que seriamos livres. Como nos enganamos! Ficamos sem bens e sem liberdade!

«Derrubamos um tyranno, e deixamos de pé a tyrannia, substituímos o homem, mas substituímos o seu governo.

«Entre estes avultava um espectro de postura nobre, e alto, que nunca se curvára ao despotismo, cabeça que parece topetar os astros, consciencia pura, coração franco e leal; ao seu aspecto era terrivel, como o de Albuquerque, de quem descende, e em quem poder não teve a morte. O seu olhar é torvo, a sua voz funda, e rouca e sumida, á força de bradar—álerta—contra o despotismo. Este espectro adianta-se e assim fala:

«Não me queixo d'este doce somno. A morte não tem imperio sobre mim; paguei á patria a minha divida. Ella e tu perderam mais do que eu, porque estou quieto. Forcejei sempre por liberal-a; o meu dever está cumprido.

«Nas horas da angustia chamaste-me aos teus conselhos, dei-t'os re-

ctos; attendi mais aos teus interesses do que aos meus; ajudei a dar-te uma corôa, e levei para o tumulo a minha honrada pobreza.

«Vi-te humilde nos momentos da afflicção; choravamos sobre a tua sorte, supplicavamos; affrontei por via de ti as ondas populares; disse á revolução que parasse, e ella fez alto. «N'esse remanso da paz, urdiste uma embuscada, atraíste o povo, e eu fiquei por teu fiador; fui entregar-me a elle, esperar a sua causa, e salvar a minha honra, já que não te podia salvar o throno. Não te amo nem te odeio, lastimo-te. Tiraste-me a vida, mas não podeste tirar-me a honra. «Foste o que costumam ser os reis—nescios e ingratos. Assim mesmo por amor da minha patria direi como o propheta:

«Deus Judicium Regi dabit» (*Espectro* n.º 6—27—12—46.

Hoche, commandando o exercito republicano, ataca o exercito prussiano commandado por Hotze, entrincheirado nas alturas de Fröschwiller e de Wörth, 1793.

Os reductos inimigos estavam dispostos em escalões e guarnecidos de artilheria numerosa. Os soldados republicanos hesitavam em marchar ao assalto da formidavel posição.

«Camaradas, exclama Hoche percorrendo as fileiras, 600 libras por cada canhão prussiano.»

Valeu, respondem os soldados, e atiram-se ao assalto. Expulsam e perseguem os prussianos, tomando-lhes 18 canhões, que foram pagos pelo preço convencionado.

23 de dezembro.—Os patriotas suíços acabam com o dominio sempre pesado e despotico dos reis e fundam definitivamente a republica, 1307.

24 de dezembro.—O Supremo Tribunal de Justiça do Brazil condemna o bispo de Pernambuco, 1873.

25 de dezembro.—Nasce Jesus. (Veja-se artigo de fundo.)

«O Vintem das Escolas»

Recebemos este periodico. O summario do ultimo numero é o seguinte:

Propaganda pelo livro, *Feio Terenas*—Pequena Tribuna, Manual de Instrução Civica, *Trindade Coelho*.—A Nossa Galeria, com a gravura de José Liberato Freire de Carvalho, 8.º grão-mestre da maçonaria portugueza.—O Ensino religioso na Escola, *Paulo Berl*.—Evolução da Maçonaria Portugueza.—O Coração, por *Edmundo de Amicis*.—Variedades.—Pedido aos liberaes.

Foi nomeado director das obras publicas do districto de Aveiro, o sr. Paulo de Barros Pinto Osorio.

Um grande problema

Dizem de Genebra que caminham com tal rapidez os trabalhos da construcção do navio aereo inventado pelo conde Zeppelin, que se crê que antes do fim do anno ficará provavelmente resolvido o grande problema da navegação aerea.

O conde Zeppelin fez, ha uns tres annos, uma tentativa para o resolver, mas não deu resultado, tendo que vender na Allemanha, a peso, os materiaes do navio com que realisou essa tentativa, na qual perdeu toda a sua fortuna.

Não obstante, parece que a nova machina para voar dará agora excellentes resultados, e que na mesma poderão viajar até 20 pessoas, em cada excursão.

O cande, que é protegido pelo rei de Wattenberg e varios banqueiros e industriaes allemães e austriacs, pôde reunir a importancia que lhe custará a machina para voar e que é construida, como a anterior, na cidade de Friederichshafen.

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Comprae a bicyclete

A "OSMOND,"

«POVO DE AVEIRO»
Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

HORARIO DOS COMBOIOS DE LISBOA AO PORTO

	Mix.	Mix.	Rap.	Mix.	Cor.
Lisboa	7	11,5	4,30	7,5	9,30
Entronc.º	—	1,40	6,19	1	12,21
Coimbra	2,51	6,9	8,17	6,11	3,28
Pampilhosa	3,23	7,11	8,35	7,3	4,1
Mogofores	3,51	7,56	—	8,8	4,38
O. do Bairro	4,4	8,9	—	8,22	4,50
Aveiro	4,34	8,43	9,18	8,57	5,18
Estarreja	5,26	9,45	—	9,27	5,40
Ovar	5,53	10,13	—	9,52	5,59
Espinho	6,30	10,54	—	10,26	6,23
Porto(S.B.t)	7,47	12,14	10,40	11,34	7,20

DO PORTO A LISBOA

	Mix.	Mix.	Mix.	Rap.	Cor.
Porto(S.B.t)	4,35	11	1,15	4,20	7,55
Espinho	5,26	12,7	3,25	—	8,48
Ovar	6	12,34	3,54	—	9,12
Estarreja	6,25	1,4	4,22	—	9,36
Aveiro	6,45	1,29	4,41	4,41	9,53
O. Bairro	7,22	2,32	5,25	—	10,32
Mogofores	7,36	2,57	5,38	—	10,45
Pampilhosa	7,57	3,22	5,59	6,21	11,7
Coimbra	8,33	4,1	7,3	6,40	11,33
Entronc.º	1,29	—	12,37	8,48	2,42
Lisboa	3,42	11,55	5	10,40	5,40

Tramways—Do Porto para Aveiro e volta—Partidas: de S. Bento, de manhã, 7,7; de tarde, 6,7. De Aveiro para S. Bento: de manhã, ás 3,55 e 10,15; de tarde, ás 4,46.

Quereis ter uma bicyclete distincta em solidez, elegancia e leveza? Comprae

A OSMOND

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco (20 litros)	1\$000
» encarnado	1\$100
» manteiga	1\$000
» amarelo	1\$000
» misturado	800
» caraça	1\$100
» frade	750
Milho branco	780
» amarelo	760
Trigo gallego	1\$100
» tremez	900
Cevada	700
Centeio	700
Batatas, 15 kilos	450
Ovos, duzia 220, cento	1\$750

A nossa carteira

Foi nomeado governador civil substituto do districto de Aveiro, o sr. dr. Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, illustre professor do lyceu de Aveiro.

— Encontra-se em Macedo de Cavaleiros, o sr. Abraham de Carvalho.

— Tem passado encommodado de saúde, o sr. dr. Francisco Antonio de Moura, a quem desejamos immediato restabelecimento.

— Encontra-se quasi restabelecido da doenca que ha tempo o acometten, o sr. dr. Ildefonso Marques Mano, esclarecido arivogado d'esta comarca.

— Está em Agueda o sr. dr. Manuel Homem de Mello.

— Foi collocado no regimento de infantaria 24, o sr. alferes Albano de Mello Pinto Velloso, filho do sr. dr. Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, digno desembargador da Relação dos Açores e deputado da nação.

— Foi transferido para a Direcção das Obras Publicas de Horta, Ponta Delgada, o sr. Diniz Theodoro d'Oliveira.

— A passar as férias do Natal está nesta cidade o sr. Arthur Baptista Coelho, filho do sr. Jeronymo Baptista Coelho, activo negociante d'esta praça.

— Tambem se encontra em goso de férias os filhos do sr. Manuel dos Santos Patto, do Troviscal.

— Encontra-se nesta cidade onde veio de visita a sua familia, o sr. José Dias da Costa, digno empregado do commercio, no Porto.

ANNUNCIOS

MADEIRAS

JOSÉ Alves d'Oliveira, d'Agueda, (Borralha) encarrega-se do fornecimento de madeiras de pinho para construcções, assim como varas de pinho de 2 a 16^m de comprimento.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—16.^a ed., cart. 300 réis, broch. 200
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5\$000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6\$000
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—16.^a ed., cart. 300 réis, broch. 200
Guia prático e teórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos. 160

ESCRIPTA

Arte de Escripção—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30
Livros de polémica sobre o Método
A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500
A Cartilha Maternal e a Crítica..... 500
 Do mesmo auctor:
LITTERATURA
Campo de Flores—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requirirem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguales d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 colleções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 colleções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ACABA DE SAHIR:

PÃO NOSSO

OU

Leituras Elementares ou Encyclopedicas

por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 paginas, adornado de innumerables e admiraveis estampas, em optimo papel, contendo nocções elementares sobre variados ramos de conhecimento, e o resumo de todas as disciplinas que se estudam na escola primaria. E' o livro *post-escolar* por excellencia, indispensavel a todos, por ser formado d'aquella serie de conhecimentos, que é imperdoavel—vergonhoso até! — não possuir.
 Preço, brochado 500 réis, cartonado 600 réis.

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242, 1.^o—LISBOA.
 E em todas as livrarias.

BAGAÇOS ALIMENTAES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagnaços para alimentação de todos os animaes.

PADARIA FERREIRA & MACEDO AOS ARCOS AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 1\$600 a 3\$600 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; velas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Nazio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.
 Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.



DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platinha, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.
 RUA DA COSTEIRA
 (Em frente da Estátua de JOSÉ ESTEVÃO)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do mato-douro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO